

## Espaço... de arquitectos?

José Jacob Cabido

Arquitecto, Professor Auxiliar da F.A.U.T.L.  
jacobcabido@fa.utl.pt

No âmbito das actividades académicas da docência, investigação e divulgação, desenvolvidas na Faculdade de Arquitectura da Universidade Técnica de Lisboa, e integrado no ciclo de eventos programados no 3º Ano da Licenciatura em Arquitectura, foi organizado o Seminário subordinado ao tema "HABITAR – no espaço e no tempo".

A minha participação nos trabalhos desse Seminário deu-se por via de uma comunicação, que titulei de "O papel do arquitecto na génese da habitação moderna e contemporânea – a sua intervenção na concepção dos espaços domésticos num futuro próximo: mitos e honestidade intelectual e profissional". A apresentação, que deliberadamente pretendi de grande informalidade, carece de ter como respaldo o facto de me dirigir, numa escola de Arquitectura, exclusivamente a estudantes de Arquitectura, muitos deles alunos meus.

Teve como objectivo a proposta de reflexão sobre um tabu subliminar a todas as Escolas de Arquitectura institucionais e que é o da discussão sobre a real influência dos arquitectos na evolução e, sobretudo, na proposição e definição dos «novos» espaços residenciais de construção corrente.

Adiantei como "introdução", o seguinte texto:

"A Comissão Directiva de FRANCEVILLE tinha decidido não impôr aos construtores um tipo de casa. Era antes, adversária dessa uniformidade fatigante e insípida; tinha-se contentado em apresentar um certo número de regras fixas, às quais os arquitectos deveriam ater-se:

1. Cada casa ficará isolada num lote de terreno plantado de árvores, de relva e de flores e será propriedade de uma só família.
2. Nenhuma casa terá mais de dois andares: o ar e a luz não podem ser açambarcados por uns em detrimento de outros.
3. Todas as casas serão afastadas 10 metros da rua, da qual ficarão separadas por um gradeamento. O espaço até à casa deverá ser ajardinado com gosto.
4. As paredes serão construídas em tijolos furados e padronizados, ficando sujeitas às especificações do projecto, sendo o arquitecto livre para toda a ornamentação.
5. As coberturas serão em terraço, ligeiramente inclinadas nos quatro sentidos, revestidas de betume e bordejadas por uma guarda suficientemente alta para evitar qualquer acidente e cuidadosamente drenadas para o escoar imediato das águas da chuva.

6. Todas as casas serão construídas sobre uma abóbada de fundação aberta a toda a volta e formando sob o primeiro piso, um compartimento para arejamento e arrumos. As condutas de água e das descargas de esgoto ficarão à vista, adossadas ao pilar central, para que se possa facilmente verificar o seu estado e para que em caso de incêndio se possa ter imediato acesso à água. O piso desta arrecadação, elevado cinco ou seis centímetros em relação à rua, deverá ser ensaibrado e compactado.

Uma porta e uma escada farão a comunicação directa com a zona de serviço, podendo todas as operações domésticas terem aí lugar sem ferir a vista ou as narinas.

7. As cozinhas e demais dependências de serviço deverão ser, ao contrário do que é habitual, colocadas no piso superior e em comunicação com o terraço, que se tornará assim, um amplo anexo ao ar livre. Um elevador, movido por força mecânica, que será como a luz artificial e a água, colocado à disposição de todos a preços reduzidos, permitirá o transporte de quaisquer cargas para este andar.

8. A divisão das habitações deverá ser deixada à fantasia individual. Mas dois perigosos focos de doença, verdadeiros ninhos de miasmas e laboratórios de venenos, são impiedosamente proscritos: as alcatifas e os papéis de parede pintados. Os parquês, artisticamente construídos em madeira preciosa, reunida em painéis por hábeis marceneiros, teriam tudo a perder se se escondessem sob lanifícios de duvidosa limpeza. Quanto às paredes, revestidas de tijolos envernizados, apresentam o brilho e a variedade dos interiores de Pompeia, com o luxo de cores e de duração que o papel, carregado com os seus mil venenos subtis, jamais poderá alcançar. Lavam-se como se lavam as vidraças, como se esfregam os parquês e os tectos. Nenhum germe mórbido se poderá aí emboscar.

9. Cada quarto de dormir ficará separado do lavabo. Nunca será demais recomendar que este compartimento, onde se passa um terço da vida, seja o mais amplo e arejado possível e ao mesmo tempo o mais simples. Apenas deve servir para o repouso. Um leito de ferro com um colchão de arame, quatro cadeiras; são os únicos móveis necessários. Os edredões, cobertas, piquês e outros aliados poderosos das doenças epidémicas, estão naturalmente excluídos. Bons cobertores de lã, leves e quentes, fáceis de lavar, bastam amplamente para os substituir. Sem proscrever formalmente os cortinados e os reposteiros, deve pelo menos aconselhar-se que sejam escolhidos entre os tecidos susceptíveis de frequentes lavagens.

10. Cada divisão possuirá um fogão, alimentado a lenha ou a carvão, mas a cada um deles corresponderá uma chaminé com tirada de fumo. Este, em vez de ser expulso na atmosfera será canalizado por condutas subterrâneas até fornos especiais situados nos arredores da cidade. Aí, será despojado das partículas de carbono que transporta e libertado no ar, no estado incolor, a uma altura de trinta e cinco metros”.

Júlio Verne (1879), Os Quinhentos Milhões da Bégun

Este texto que bem poderia ter sido a matriz de uma “memória descritiva e justificativa” das «casas Domino» de Le Corbusier, foi escrito décadas antes dos primeiros esboços daquele arquitecto por Júlio Verne, o mago visionário, num dos seus livros mais enigmáticos ainda que também um dos menos conhecidos – certamente por ter sido dos poucos que não passaram ao cinema.

Nele é abordada a condição de uma comunidade socialmente harmonizada e em sintonia com a Natureza; tendo como causa e simultaneamente consequência, «a» sua cidade ideal. Tudo isto numa época que desconheceu a «ecologia» e o «meio ambiente» – designação quase irónica esta, porque é realmente quase sempre muito mais meio do que inteiro, e em que a cidade era, então, tudo menos uma entidade «ideal».

Se tivéssemos a possibilidade de, por um passe de mágica, confrontar Le Corbusier com esta evidência, não duvido que ele começasse por nos questionar sobre quem seria... esse tal Jules Verne? - Que não senhor, que não o conhecia e muito menos que alguma vez tivesse lido o que quer que fosse desse obscuríssimo desconhecido. Pessoalmente antecipo que se tal nos fosse permitido, ele iria escamotear deliberadamente a verdade.

E é por aqui que gostaria de introduzir a primeira questão. A pedra de toque da idiosincrasia dos arquitectos mesmo (ou sobretudo), dos maiores de entre todos eles é o considerarem-se, escudados na sua personalidade, imunes, isentos, não «contaminados» por influências exteriores. Contudo, todos sabemos o que esta postura comporta de mistificação, servida para consumo do vulgo e para sustento do ego.

Se isto não é verdade na criação da arquitectura institucional, de aparato ou de Estado [da encomenda pública], mais grave se torna quando este tique se transfere para a esfera da arquitectura do lar [o espaço doméstico], porque aqui os erros pagam-se muito mais caro e ainda por cima são pagos por quem não dispõe, na sua grande maioria, da hipótese de alternativas razoáveis.

A História da Arquitectura da segunda metade do século XX será também a do repositório de alguns dos maiores e desastrosos equívocos da civilização ocidental. A crise da civilização urbana do primeiro mundo, nascida justamente no estio dos planos de reconstrução do pós-guerra, é consequência directa do urbanismo e da arquitectura do pós-guerra.

As crises da segunda metade do século passado e que contaminam ainda o início deste, são também o desfilar da falência, da demissão, da conivência e do oportunismo de uma boa parte dos arquitectos/urbanistas, que actuaram nessa voragem muito como órfãos de pais incógnitos. A crise em que se afundam as metrópoles ocidentais radica, naturalmente entre muitas outras coisas, num pequeno e aparentemente irrisório problema: é estarem os arquitectos convencidos de que não só sabem tudo sobre a habitação, mas sobretudo que... serão os únicos detentores desse conhecimento iniciático. Infelizmente a História da mesma arquitectura demonstra como essa presunção mediúnica é falaciosa.

Os arquitectos não passam dos cristãos-novos da “casa”, dos recém-chegados a um mercado que sempre olharam com desdém, porque a construção habitacional serviu sempre aos arquitectos, isto durante mais de 50 séculos, apenas como a antítese

e contraponto da sua «Grande Arquitectura». Chegaram há não mais de 150 anos, e de forma mais sistemática e consistente, há menos de 100. Nunca quiseram, nem se afirmaram profissionalmente na concepção dos espaços domésticos, nem no ocidente nem em parte nenhuma do mundo, e estou absolutamente convicto de que isso jamais venha a acontecer, a despeito dos actuais sofismas instilados dentro das próprias escolas dos arquitectos.

Colocada a questão neste pé, importa saber o que fazer com a massificação de uma profissão que apenas vislumbra na construção em massa de casas, a sua já ténue hipótese de sobrevivência. Justamente quando a corrente da história tornou social e politicamente incorrecto o contínuo crescimento dos metastásicos perímetros urbanos, o «bota abaixo» para fazer de novo, e que numa tão sintomática quanto dramática mudança da agulha do destino, passou a privilegiar as intervenções nas «pré-existências».

O que fazer, então, com os milhares de jovens profissionais que todos os anos saem das Faculdades de Arquitectura e entram no mercado de trabalho, que não só já está saturado, como está devidamente «marcado»; para só então tomarem consciência (na prática – não na teoria), deste impiedoso contra-ciclo?

Ainda que desde o malfadado 73/73 se lute em Portugal no sentido inverso, teremos de reconhecer em primeiro lugar, que não estamos especialmente habilitados, ou não estaremos melhor credenciados que tantos outros, para monopolizar a concepção do interior do espaço residencial. Refiro-me, não à residência por medida, à da alta-costura, à da *griffe* asséptica e revisteira; mas sim à residência corrente, indispensável, anónima, à do pronto-a-vestir. Aí estaremos tão desguarnecidos como todos aqueles que tentamos, há tempos mas sem sucesso, empurrar para fora desta coutada que temos como privada.

Porque a Arquitectura nunca foi a arte do privado, mas a arte *para* o colectivo; mesmo que esse colectivo, não raras vezes, só a pudesse desfrutar ou à distância, ou como uma espécie de cenografia hipnótica.

Em jeito de desabafo, pronunciou-se Charles Jenks de forma certa: “Como se pode estar de acordo com as *tendências futuras*, se nem nos pomos de acordo com o que já ocorreu?”. Sem ignorar o exacto contexto em que ele o produziu vou, todavia, aproveitar-me do dito para o negar. Os arquitectos têm mesmo de se pôr de acordo em relação a algumas coisas, aos mitos, por exemplo, e recuperar a *honestidade profissional* e, sobretudo, a *honestidade intelectual* que já detiveram.

O primeiro mito a desfazer deverá ser o da nossa supremacia profissional, porque em relação à *habitação comum*, estaremos tão habilitados a pensá-la como aqueles a quem ela se destina. Da mesma forma, deveremos aceitar a evidência de que a maioria dos factores que actuam sobre a Arquitectura, de há muito que estão completamente fora do controlo exclusivo do arquitecto. Sobretudo em se tratando da edificação residencial, então estamos no limiar de um universo em que fomos compelidos quase à pré-mendicidade fundiária, regulamentar, orçamental, etc., etc.

Devíamos estar particularmente gratos a um certo jardineiro, por nos ter oferecido depois de o ter inventado, o «nossa» betão armado. Temos espaços autónomos, articulados por circulação periférica, porque o corredor de distribuição foi imposto aos arquitectos por uma aristocrata com poder para lhes ordenar tal inovação – quando não ainda hoje teríamos todos os espaços domésticos comunicantes. Começámos a desenhar salas de estar, porque algures nos finais do século XIX caiu generalizadamente o “interdito da palavra” no seio familiar e a convivialidade transferiu-se do banco corrido da mesa de refeições, para as cadeiras do bordado e do cachimbo. Deixámos de desenhar as salas de fumo, porque entretanto começaram as mulheres a fumar e sabe-se lá se não teremos de voltar a elas em breve (às salas de fumo)... agora, por causa dos cavalheiros!

As maiores contribuições para a qualidade e o conforto domésticos, advieram da introdução da água corrente (primeiro fria e depois aquecida), do esgoto, do gás, da electricidade, dos ascensores, sendo que nenhum foi da iniciativa de qualquer arquitecto; entretidos que estavam nas obras de confeitaria, no exterior dos edifícios.

A casa é coisa demasiado importante para que os arquitectos a banalizem e continuem a tratar, ou com levandade (no caso do pronto-a-vestir), ou com imperial inflexibilidade (no caso da encomenda da griffe), actuais.

A casa está, inesperadamente, na base da supremacia da civilização ocidental sobre todas as outras; ainda que esta afirmação seja por demais perigosa e ideologicamente muito «incorrecta». Tão incorrecta que se teve de lançar mão de um outro vocábulo – a «globalização»; que a ortodoxia de esquerda, os hoalligans e anarquistas tentam combater na rua. Como se fosse possível estancar no alcatrão e com as pedras da calçada, os fluxos das telecomunicações não só entre os bancos, seguradoras, bolsas e fundos de pensões, mas também entre as universidades, laboratórios, hospitais, centros de investigação e pesquisa, web's, etc.

Esta supremacia, pelos vistos aparentemente incómoda para «tantos», fruto exclusivo da ciência e da tecnologia ocidentais, não deixa de ser uma evidência incontestável. Quer se goste, quer não. Pessoalmente não a tenho em grande estima, mas pela simples razão de que civilização que vai à frente é civilização que mais cedo desmorona. Mesmo porque de há muito que se manifestam nela, os sinais da decadência que sempre antecipam a desagregação inexorável e que têm vindo a ser lidos e anunciados por alguns poucos, ainda que sem palanque e com pouca audiência, reconhecamo-lo. Releia-se de Oswald Spengler *A Decadência do Ocidente*, um livro maldito pela inteligência de «gauche» instalada vitoriosamente após 1945 e que lhe ditou o labéu de obra nazi sem, contudo, ter tido até hoje a honestidade intelectual de afirmar que na fase final daquela insanidade, foi uma das obras colocadas no index do regime e queimada em auto-de-fé. A mesma inteligência que redefiniu no século XX o conceito de «arte» e que impôs os seus critérios e padrões para a avaliação de uma «obra de arte», será julgada pelos historiadores do futuro, acredito, como estando na génese da maior mistificação e da alteração/subversão de valores culturais, com consequências à escala planetária. - Como qualquer nova «religião», afirme-se sem sofismas.

Não alimento qualquer ilusão de que estaremos destinados a servir de troféu àqueles que de fora nos procuram e que entre nós se instalam, porque cá dentro encontram acolhimento favorável. Sempre assim foi e nada me faz esperar o contrário neste caso. Revisite-se sempre, e uma vez mais, a História. No entanto e por hora, as coisas são o que são. Para o melhor e para o pior.

Mas de onde advém a actual supremacia do ocidente, devia ser a interrogação daqueles que daqui partem em demanda do Graal nos nirvana, nos mandarínatos, nos califados e sultanatos; até mesmo nalgumas covas do Afeganistão e nalgumas madraças do Paquistão; como já anteriormente tinha acontecido em direcção às selvas bolivianas.

A civilização ocidental é hegemónica por uma simples razão: secularizou o conhecimento. Resgatou-o da alçada exclusiva dos padres. Laicizou o saber e a cultura e por fim, rematou-o com o processo da dignificação, da igualização intelectual, social e cultural da mulher. Deu ao intelecto o que é da razão e ao espírito o que é da alma; algo que mais nenhuma outra grande civilização logrou conseguir plenamente, nos outros cantos do planeta.

Até à Alta Idade Média o clero detinha aqui o monopólio da cultura, porque nos mosteiros e conventos cada um dispunha de uma cela individual. *Aí*, todos possuíam o seu espaço próprio e reservado, ainda que minúsculo, para onde se podiam retirar em meditação. Nessa mesma época, as casas eram espaços «promiscuos», se bem que este conceito para rotular tal situação seja um absurdo, serve-nos apenas para ilustrar as condições daquela vida em comum. Era impossível que nos interiores domésticos de então se desenvolvesse qualquer tipo de reflexão, e menos ainda de introspecção. Nestas condições os padres «ganhariam» sempre e não, seguramente, por serem eles mais «inteligentes» do que os outros.

Quando, nas franjas da sociedade secular desses idos, se passou a «reivindicar» a possibilidade de poder estar só e que forçaram os seus «arquitectos» a *estruturarem a casa de forma diversa*, de modo a que ela pudesse acolher a reflexão individual (*“reflexão individual”*, não a privacidade e menos ainda a intimidade, que só viriam muito depois), nasceram os Galileu, os Leonardo, os Pedro Nunes, os Newton, os Espinosa, os Descarte, os Mozart, os Einstein, etc., etc. Desencadearam-se as cinco centúrias mais brilhantes da História da Humanidade. Não foram séculos pacíficos, porque se tratou da mais longa e surda «guerra civil» de que há memória, esta, contra a Cúria de Roma - cujos pedidos de desculpa continuam ainda deveras mitigados.

Foi penosa, tem o seu martirólógi próprio mas foi, aqui na Europa, uma epopeia única e grandiosa.

É este também o legado profundo da *casa ocidental* que urge estudar, compreender, preservar e defender... se necessário mesmo, de alguns arquitectos.

Por um inesperado acaso ela possui uma peculiaridade que é também oposta à das outras grandes civilizações: a residência ocidental é o fruto, quase que em exclusivo, da concepção (na plena acepção da palavra) da mente feminina.

Certamente por isso, a habitação ocidental é de todas a menos segregada e a mais integradora, tanto familiar como socialmente e, no contexto universal, indubitavelmente a mais calorosa e de maior liberdade. A mente masculina não lograva tal, como bem se constata nos outros modelos residenciais.

Mas isto serviria de mote para uma outra abordagem, já que não deixa de ser curioso e muito significativo o facto que, tendo as mulheres desertado da casa e de, conseqüentemente, terem abdicado de a gerir por dentro, venham agora a inundar as escolas de Arquitectura na expectativa de, por fora, continuarem a deter o controlo da sua ideação.

Volto ao início do meu escrito. Ele dirigiu-se a alunos do 3º Ano de Arquitectura da FAUTL a quem, creio, nunca foi proposta uma reflexão séria acerca do que é o «arquitecto» e, sobretudo, acerca de quem é «arquitecto»... Porque sobre Arquitectura estão escritos quase todos os livros.

Livros em pedra, tijolo, madeira e metal. Em canas, couro e até impressos na rocha. Escrevem-se livros de Arquitectura em gelo, barro, vidro, plástico e até, imagine-se, em papel. - Basta apenas sabê-los ler!

Mas quem é *arquitecto*?, coisa que estamos compelidos a formar, é resposta bem mais difícil; se é que de facto ela existe. Não de forma intuitiva, mas algo racionalizável e transmissível.

Porque a Arquitectura se basta a si própria, resta-nos a dificuldade maior de entender os arquitectos e é significativo que, ultimamente, eles não se tenham andado a fazer entender devidamente.

No passado, os grandes *Mestres Construtores* erguiam obras que todos compreendiam. De resto, o maior atestado da superioridade desses homens era precisamente o de serem capazes de criar o que os outros tinham como impossível, a não ser por eles. Ambicionavam fazer-se entender muito bem pelos seus concidadãos, porque era desse entendimento que, seguramente, decorria a sua aura de homens singulares e dotados de competências únicas, nalguns casos, tocando mesmo o demiúrgico.

Não pretendiam fazer-se de incompreendidos ou de mal entendidos. Filippo Brunelleschi foi aclamado como um génio no seu tempo, a começar pelos seus próprios pares (...com a única excepção, talvez, de Lorenzo Ghiberti), não porque tenha «provocado» os seus concidadãos ou «inventado» algo de novo. Não inventou sequer a cúpula que o imortalizou. Brunelleschi «limitou-se» a construir a cúpula que todos afirmavam ser impossível de construir. E ela lá está até hoje,